

DISSIDÊNCIAS

O presente número de *Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, que é o 7.º da 3.ª série, apresenta um conjunto de contributos dedicado ao tema Dissidências. Compreendendo a dissidência um larguíssimo espectro de atitudes, opiniões e comportamentos, vinculado a um desacordo de ordem conceptual, emocional ou de desempenho relativamente a uma norma estabelecida, os confrontos que dela decorrem propulsionam uma dinâmica que é tão instigante, pela acuidade das questões colocadas, como complexa, pela pluralidade dialética dos fatores envolvidos.

Espelha-o bem a série de artigos que desenvolve temas que vão das novas formas de expressão artística aos estudos culturais, da literatura à arqueologia, da ciência da informação à história das ideias.

A secção de artigos abre-se com um estudo acerca do percurso ideológico de Eduardo do Prado Coelho até à década de 1980, levado a cabo por João Moreira, que indaga as correntes de pensamento e as leituras que polarizaram seus interesses, em concomitância com os vários movimentos e as várias formações partidárias a que se foi associando. Daí resulta o retrato de um intelectual em constante dissidência, como o próprio Eduardo Prado Coelho o reconhecia, no quadro de uma heterodoxia teórica marcada por reiterados confrontos e desilusões.

Sucessivamente, o contributo de Teresa Martins Marques aborda a polémica que opôs o jovem José Rodrigues Miguéis ao grupo reunido em torno da revista *Seara Nova*, com destaque para António Sérgio. A discussão, que brotara de reflexões em torno do papel da Geração de 70, logo se alargou a uma diatribe que envolveu questões de intervenção social, de liberdade política e de renovação das mentalidades, levando ao afastamento de Miguéis do círculo dos seareiros.

Por sua vez, o domínio da *copy art* é tratado por Bruno Ministro, que dispensa particular atenção a um grupo de artistas portugueses ativos a partir da década de 1980, de entre os quais se destaca António de Aragão.

A divergência em relação ao uso da máquina, à discursividade, aos suportes de distribuição e ao estatuto da criação, em domínios hegemónicos, redundam na problematização de hierarquias, poder político e controle da linguagem implicados pelas novas práticas de *copy art*.

O enquadramento da eclosão, em Portugal, também na década de 1980, de tendências artísticas dissidentes de cunho experimentalista e performativo, leva Sandra Guerreiro Dias a centrar-se no caso dos Pop Dell'Arte e de João Peste. Assim é explorada uma estetização performativa marginal, inscrita num espaço que toca o panfletário, para se resolver numa expressividade experimental-performativa de vastas repercussões mediáticas.

No âmbito fílmico, duas obras de Ava DuVernay, *Selma* (2014) e *13th* (2016), são analisadas por Maria Eduarda Gil Vicente como contranarrativas dissidentes de formas de representação impostas por maiorias brancas, no plano dos atuais movimentos de protesto contra a violência exercida sobre os negros. A esse propósito, mostra-se como DuVernay problematiza e desmonta contradições históricas que se mantêm desde o tempo da abolição da escravatura.

O tratamento do conceito de dissídio, no campo da literatura, conduz Ana Isabel Correia Martins por uma leitura do Diário da peste, de Gonçalo M. Tavares, editado entre março e junho de 2020 no jornal *Expresso*, quando a pandemia imperava. Nele são descortinados conflitos e diálogos entre percursos mentais, literários, genológicos ou projetuais que põem em destaque motivos e estratégias presentes em toda a obra do escritor, ligando-se a momentos destacados da cultura universal.

Os dois modelos de formação de Bibliotecários e Arquivistas em Portugal, o Estágio de Arquivistas, criado em 1913, e o Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista, de 1931, são colocados em confronto por Diogo António Correia Vivas, num panorama que não deixa de contemplar a posterior evolução da área. Nesse sentido, é traçado um historial dos seus objetivos, da sua planificação curricular e do seu impacto formativo, integrando o papel de grandes figuras que se lhes encontram ligadas.

Monumentos epigráficos romanos sujeitos a *damnatio memoriae*, por implicarem personalidades que entretanto tinham deixado de merecer

reconhecimento, constituem o centro da investigação empreendida por José d'Encarnação. Depois de um percurso que se estende por Óstia e por Oviedo, o estudioso detém-se sobre Conímbriga e sobre uma grande placa calcária da qual foram apagadas gravações. Uma indagação acerca do alvo de veneração, da entidade da qual teria partido a iniciativa e do contexto arqueológico que a integrava culmina com uma proposta de reconstituição do seu conteúdo.

A exploração da noção de dissídio, a propósito da série de processos instaurados a mulheres por sodomia *foeminarum*, da Primeira Visitação do Santo Ofício à Bahia (1591-1595), e por sodomia heterossexual, da Inquisição de Lisboa (1620-1639), permite a Indira Leão documentar uma assimetria nas relações de poder com profunda radicação ideológica. É ditada por hierarquias de género e de estatuto social, naturalizando a violência sexual do masculino sobre o feminino. Da mesma feita, fica desvelada a existência de redes de solidariedade feminina, bem como a construção de estratégias de defesa própria.

A rematar a secção de artigos, a faceta autobiográfica do pensamento de António Sérgio merece a Sérgio Campos Matos uma pesquisa que traz à colação alguns passos menos estudados da sua obra. No quadro compósito daí resultante, a intersecção entre classicismo e romantismo, racionalismo e misticismo ou democracia e ditadura, na esteira de Hegel, é associada a ressonâncias fichteanas de aspiração ao Absoluto. A oposição e a complementaridade desses polos adquirem pois uma nova dimensão, ao serem interpretadas num plano autobiográfico que congrega instâncias autojustificativas e tensões dispersivas.

A esse conjunto de artigos, soma-se o contributo criativo de Ana Luísa Amaral, com o poema “Dissidências, ou outras respirações”, da secção Cruzamentos, bem como a entrevista de António A. Coutinho, intitulada “Dissidência: a natureza é amoral”, conduzida por Paulo Nossa. Poeta e cientista lançam um olhar agudo sobre os conflitos que marcam a humanidade, entre uma herança histórica ingente e uma contemporaneidade que acumula sonhos e desaires, sem abandonar a esperança em novos projetos de futuro. Integra ainda este 7.º número da 3.ª série de *Biblos. Revista da Faculdade*

de Letras da Universidade de Coimbra a secção de Recensões, na qual são apresentados seis livros de recente publicação.

Completa o volume o convite à participação no próximo número de *Biblos*, que será dedicado ao tema Incertezas.

Rita Marnoto
Coordenadora da Direção Executiva